

RUBEM BRAGA

TEATRO

NOVA YORK, novembro (Pela Varig) — Em matéria de teatro o sucesso do momento é «Long Day's Journey Into Night», peça póstuma de Eugene O'Neil, que está sendo levada na Broadway, com Fredric e Florence March. Depois de «abafar» no teatro americano entre 1920 e 1940, O'Neil ficou meio por baixo até sua morte em 1953. Reapareceu agora aqui com «The Iceman Cometh», que em 1946 não fez nenhum sucesso, mas este ano, dirigida por José Quintero, atraiu intenso interesse. Foi por isso que a viúva O'Neil (Carlota, sua terceira mulher) consentiu que José Quintero tentasse o «Long Day's Journey», que foi apresentada uma única vez, e com êxito, na Suécia.

A peça é longa (3 horas e 45 minutos) e conta a penosa história da família do próprio Eugene: um pai boêmio e sem escrúpulos, capaz de cometer as maiores levandades financeiras, mas pão-duro dentro de casa; a mãe desanimada e entregue aos narcóticos, um irmão que essa ambiência tornou cínico e perdido, outro (o autor) refugiado na arte, tuberculoso, cheio de inibições e com uma filosofia trágica da vida.

Antes de morrer, Eugene O'Neil pediu à mulher que só deixasse representar essa peça 25 anos depois de sua morte, pelo seu caráter auto-biográfico, mas a viúva achou que agora já não havia inconvenientes. «Uma novela de Dostoievski com diálogos de Strindberg», é a primeira coisa que diz o crítico do «New York Times», Brook Atkinson. Toda a crítica acentua a alta qualidade desse pungente drama, considerado igual às melhores coisas de O'Neil («Morning Becomes Electra» e «Desire Under the Elms», por exemplo), mas bem diferente delas.

Outro autor morto que está em plena moda (não falemos em Shakespeare, que uma turma do «Old Vic» está levando aqui) é Bernard Shaw. O grande espetáculo de Nova York (sete meses no cartaz, entradas sem ágio só para daqui a seis meses) é «May Fair Lady», uma versão musicada do «Pigmalião», de Shaw; «The Apple Cart», uma sátira política, está fazendo uma boa carreira no Plymouth em uma adaptação de Maurice Evans, mas o êxito principal é «Major Barbara», com Charles Laughton dirigindo e fazendo o papel do milionário, aquele que considera a pobreza um pecado e um crime. «O que há de bom a respeito de Shaw e suas peças — diz Charles Laughton — é que é muito fácil discordar de muitas coisas que ele diz, mas de qualquer modo você se entretém maravilhosamente, e no fim é possível que você esteja raciocinando melhor sobre muitas coisas que antes de ver a peça».

Há, naturalmente, novidades mais novas nos teatros daqui, mas ficam para outro dia.